



**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**PÓS-GRADUAÇÃO EM LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL**

**ANÍBAL DA COSTA PINTO DANTAS NETO**

**A VONTADE DE SENTIDO COMO CONDIÇÃO EXISTENCIAL**

**Salvador**

**2021**

**ANÍBAL DA COSTA PINTO DANTAS NETO**

**A VONTADE DE SENTIDO COMO CONDIÇÃO EXISTENCIAL**

Artigo apresentado ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Católica do Salvador, como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Logoterapia e Análise Existencial.

Orientador: Dr. José Luis Sepulveda Ferriz.

**Salvador**

**2021**

## A VONTADE DE SENTIDO COMO CONDIÇÃO EXISTENCIAL

Anibal da Costa Pinto Dantas Neto<sup>1</sup>

Dr. José Luis Sepulveda Ferriz<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo objetiva ampliar as reflexões acerca da Vontade de Sentido, na perspectiva da Logoterapia, atentando-se para o vazio existencial contemporâneo e identificando fatores significativos a respeito da posição singular e a responsabilidade do sujeito frente a vida. Trata-se de uma revisão narrativa que se utiliza da hermenêutica sobre a dimensão do sentido para o homem, na perspectiva existencial de Viktor Frankl, com contribuições dos teóricos da fenomenologia-existencial, Sartre e Heidegger. Tem por finalidade fomentar discussões acerca da busca de sentido na contemporaneidade, a frustração e o vazio existencial, como também sobre o sentido que vai norteando cada existência, salientando a importância de uma perspectiva psicoterapêutica centrada no sentido.

**Palavras-chave:** Existencialismo; Fenomenologia; Sentido da vida; Logoterapia

### 1 INTRODUÇÃO

A vida na contemporaneidade tem exigido cada vez mais das pessoas. São muitas demandas, cobranças, necessidades de consumo, e de escolhas nas mais diversas perspectivas que a todo instante se impõem, sem que muitas vezes consigamos identificar o que de fato é a nossa vontade de sentido ou se estamos reproduzindo padrões de conduta conformistas ou visões de mundo totalitárias. Segundo o psicólogo Viktor Frankl, que nasceu em 26 de março de 1905 e faleceu em 02 de setembro de 1997, há várias pesquisas que indicam que o vazio existencial é um sintoma cada vez mais presente e observado, ao que ele colocou como sendo a neurose de massa dos dias atuais.

Esse artigo pretende fazer uso da hermenêutica relacionada ao tema, a fim de melhor

---

<sup>1</sup> Psicólogo pós-graduando em Logoterapia e Análise Existencial pela Universidade Católica do Salvador (UCSal). E-mail: [anibaldantas33@gmail.com](mailto:anibaldantas33@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em Filosofia, Professor nos cursos de Filosofia, Psicologia e Serviço Social da UCSal e Coordenador da Especialização em Família e do grupo de Pesquisa Logos. E-mail: [jose.ferriz@pro.ucsal.br](mailto:jose.ferriz@pro.ucsal.br)

compreender o fenômeno do vazio existencial, bem como a Vontade de Sentido, na perspectiva de Viktor Frankl, que foi sobrevivente de Auschwitz (campo de concentração nazista), atuou como professor de neurologia e psiquiatria na Universidade de Viena e é o fundador da Logoterapia e Análise Existencial, muitas vezes chamada de *terceira escola vienense de psicoterapia*, sendo uma linha existencial-humanística que visa perceber o ser humano em todas as suas dimensões. Em *A busca de sentido*<sup>3</sup> (2018), o autor discorre sobre sua experiência num campo de concentração nazista e de como empiricamente pode ser observado o comportamento das pessoas que diante de situações tão degradantes e indignas à seres humanos puderam reagir das mais distintas formas. Assim sendo, Viktor Frankl levanta alguns questionamentos sobre a “liberdade interior”, sobre como é possível ao ser humano ter a liberdade de escolha diante das mais terríveis e angustiantes situações, “Onde fica a liberdade humana?”, “Será que ela não pode reagir de outro modo às condições de vida reinantes no campo de concentração?” (FRANKL, 2018).

Viktor Frankl defende em sua teoria que essa ‘liberdade interior’ é capaz de encontrar sentido em qualquer experiência vivenciada e independente das condições apresentadas, pois encarar o sofrimento com dignidade parece ser o que a vida espera de nós, como afirmou certa vez Dostoiévsky “temo somente uma coisa: não ser digno do meu tormento”. Segundo Frankl, (2018), nosso destino é um presente, uma oportunidade de crescimento que a vida nos oferece, e que precisa ser valorizada, ainda que não consigamos entender as razões das experiências impostas pelo ambiente externo, é preciso perceber o sentido que há por trás de toda existência manifesta, sem que haja uma receita, um padrão para tal, pois cada ser é único, singular, com histórias de vida que jamais se repetirão, mas que quando encontrado o seu sentido, a sua razão pela qual continuar com dignidade, e se conscientizando e percebendo o sofrimento como uma possibilidade de realização de uma tarefa, como uma oportunidade de crescimento. “Em suma, cada pessoa é questionada pela vida; e ela somente pode responder à vida respondendo por sua própria vida; à vida ela somente pode responder sendo responsável. Assim, a logoterapia vê na responsabilidade a essência propriamente dita da existência humana” (FRANKL, 2018, p.134).

O autor traz reflexões bastante pertinentes à contemporaneidade quando se debruça sobre temas como o vazio existencial e o sentido encontrado no amor, no trabalho, nas nossas perspectivas futuras de realizações, num propósito, no que acreditamos ter por realizar e que possa de algum modo dialogar com nossos próprios desejos, necessidades e aspirações, de modo mais autêntico.

---

<sup>3</sup> Principal obra Frankl dentre os mais de trinta e dois livros publicados.

Esta pesquisa qualitativa se deu através de obras relevantes sobre a dimensão do sentido para o homem, numa perspectiva existencial de Viktor Frankl, com contribuições de Sartre e Heidegger, através de obras como, *O Existencialismo é um humanismo* e *Ser e Tempo*. Assim sendo, este artigo tem a finalidade de fomentar reflexões acerca da busca de sentido na contemporaneidade, a frustração e o vazio existencial, como também sobre o sentido que vai norteando cada existência. Pensando na perspectiva trazida por Frankl, (2018, p.131) em que “a busca do indivíduo por sentido é a motivação primária em sua vida, e não uma racionalização secundária de impulsos instintivos”, revela-se a importância de uma perspectiva psicoterapêutica centrada no sentido, bem como maior clareza sobre a correlação feita pelo autor entre a frustração do que ele chama de Vontade de Sentido e o vazio existencial na contemporaneidade.

## **2 O EXISTENCIALISMO COMO BASE FILOSÓFICA**

É importante conhecer o pensamento existencialista para que se perceba sobre conceitos de responsabilidade e liberdade nesta corrente filosófica, para que possamos discorrer sobre a importância de nossas escolhas e dos valores que atribuímos a estas, da relevância que têm ao homem projetar-se no futuro para criar o presente, para atribuir significado a este, para dar sentido, algo que coloca o homem no centro das decisões subjetivas, ainda que carregado da subjetividade externa e coautor desta, na medida em que existe e suas ações implicam em algo. Sartre afirmou que:

É também a isso que chamamos de subjetividade: a subjetividade de que nos acusam. Porém, nada mais queremos dizer senão que a dignidade do homem é maior do que a da pedra ou da mesa. Pois queremos dizer que o homem, inicialmente, existe, ou seja, o homem é, antes de mais nada, aquilo que se projeta num futuro, e que tem consciência de se estar projetando no futuro (SARTRE, 1970, p.4).

Para Heidegger é imprescindível que se pense a partir de uma perspectiva que leve em consideração a temporalidade na questão do sentido do ser, buscando a originalidade através de desconstruções das experiências originais manifestas através de sistemas, conceitos e doutrinas, “ir em busca das experiências originárias em que foram obtidas as primeiras determinações do ser que, desde então, tornaram-se decisivas.” (HEIDEGGER, 1998, p. 46).

É preciso pensar no existencialismo numa perspectiva de que o homem é o autor da sua própria existência, de que sempre irá dispor de opções para definir a forma de se posicionar e se relacionar com o mundo e com as escolhas constantes que este impõe, sendo capaz de agir e engajar-se em algo, num propósito, pois “O existencialismo define o homem pela ação” (SARTRE, 1970, p.4).

Viktor Frankl (2018), se amparou nessa corrente de pensamento para refletir acerca do vazio existencial e da conseqüente busca de sentido pelo homem, tendo em comum com Husserl, Heidegger ou Sartre, a filosofia que o homem é responsável por seus atos e que possui responsabilidades sobre eles e suas conseqüências, entretanto há diferenças no que diz respeito à fé, à crença em Deus ou a influência deste nos processos humanos.

Sartre (1970, p.4), por exemplo, era ateu e afirmava que “O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo: é esse o primeiro princípio do existencialismo.” Ou seja, somos responsáveis pela construção da nossa existência através de escolhas que são feitas a todo instante, Sartre afirmou que “o existencialismo pode ser concebido como uma doutrina que torna a vida humana possível e que, por outro lado, declara que toda verdade e toda ação implicam um meio e uma subjetividade humana”, e que assim sendo, “Desamparo e angústia caminham juntas” (SARTRE, 1970, p.6).

Esse “desamparo” a que Sartre se refere diz respeito à crença da não existência de Deus, que deixa o homem numa situação de total controle e responsabilidade sobre seus atos, sua vida, a vida dos outros e conseqüentemente do mundo, o que gera angústia em muitos, que assim sendo preferem a “má fé” de amparar-se em falsas verdades para não precisar lidar com o que seria esse vazio num nível espiritual, tão importante por exemplo na obra do Frankl, que propôs a dimensão noética, que é a dimensão da escolha, da liberdade e dos valores e sentidos mais elevados.

Segundo Viktor Frankl (2018), o homem tem três dimensões principais: Dimensão somática: é composta pelo campo corporal e biológico; Dimensão psíquica: Trata-se da realidade psicodinâmica, isto é, do universo psicológico e emocional; e a Dimensão noética ou dimensão espiritual, que abrange os âmbitos fenomenológicos da alma, portanto, conforme o autor essa dimensão transcende as outras duas. Além disso, graças a ela, acreditava que o ser humano poderia integrar as experiências prejudiciais da existência e desenvolver uma vida saudável em um nível psicológico. Diante disso, é possível pensarmos no sentido como algo transcendental, que eleva o homem para além de si, do ego.

Na dimensão especificamente humana haveríamos de localizar, entre outros, os fenômenos da autotranscendência da existência em direção ao logos. Com efeito, a existência humana aponta sempre para um sentido. Nesse aspecto, a existência não é para o homem um empenho pelo prazer ou pelo poder, nem tampouco pela auto realização, mas antes pelo cumprimento de um sentido. (FRANKL, 2015, p. 87).

Mas, independentemente de uma visão que considere a relevância ou influência do fator espiritual na forma como damos sentido à vida, ou à nossa própria existência, é salutar que percebamos que “é preciso que o homem se reencontre e se convença de que nada pode salvá-

lo dele próprio”. (SARTRE, 1970, p.6). No sentido que mesmo diante das mais terríveis situações, como muito bem relatou Frankl em sua obra *Em busca de sentido*, o homem tem a liberdade de escolher qual ação tomar frente às adversidades externas, liberdade de escolher a narrativa que dará, assim sendo possui o poder de influenciar o mundo e sua subjetividade.

Quando se pensa em logos, sob a luz da logoterapia de Viktor Frankl, refere-se ao espírito, e para além dele, o sentido. Por espírito cumpre entender a dimensão dos fenômenos especificamente humanos; diferentemente do que apontam os reducionismos, a logoterapia recusa-se precisamente a reduzir essa dimensão a fenômenos sub-humanos, sejam eles quais forem, ou deduzi-la a partir dele. Assim sendo, a existência necessita de autenticidade, do equilíbrio entre a responsabilidade e liberdade, e da percepção dos valores que irão nortear o caminho rumo ao sentido, o sentido de cada momento e das circunstâncias apresentadas, sendo esse “Ser espiritual”, capaz de através da autodeterminação e dos valores, praticar a auto transcendência necessária à conexão com sua vontade de sentido.

## **2.1 LIBERDADE, RESPONSABILIDADE E ANGÚSTIA**

A discussão sobre se a essência precede a existência ou se é o inverso, é antiga e possui algumas visões distintas, aqui iremos nos aprofundar na perspectiva sartriana, onde “Não existe natureza humana, ou seja, cada época se desenvolve segundo leis dialéticas, e os homens dependem da época e não de uma natureza humana” (SARTRE, 1970, p.3).

Isso para impulsionar a reflexão acerca dos pilares existencialistas, que são liberdade e responsabilidade. Liberdade esta que por vezes pode ser angustiante, a medida que são muitas situações a todo instante na vida contemporânea, muitas escolhas precisam ser feitas, e o futuro vai sendo construído a partir destas e dos valores que a elas atribuímos.

Segundo Sartre (1970, p.3), “o que chamamos de situação, é justamente o conjunto de condições materiais e psicanalíticas que, em determinada época, definem com precisão um conjunto”, assim sendo, é preciso que o homem se coloque numa posição potencial, que é como autor e responsável pela sua existência, adquirindo consciência de que toda liberdade que possui é paralela à responsabilidade, e que ao constituir-se de modo singular e subjetivo, está também por construir o homem numa visão ideal do Ser, pois escolhe-se o que considera-se como sendo a melhor opção, cada ação subjetiva influencia o engajamento humano, segundo Sartre. A fenomenologia é definida como o “fazer ver desde si mesmo aquilo que se mostra, tal como se mostra a partir de si mesmo” (HEIDEGGER, 1998, p. 57).

Viktor Frankl segue a mesma linha teórica no que tange a responsabilidade humana sobre seus atos, escolhas e consequências, bem como até mesmo sobre a consciência de sua

vontade de sentido e de como alcançá-la de modo genuíno, fazendo valer sua liberdade de modo a tomar o sentido como algo construtivo, pois afirmou que “a liberdade ameaça degenerar em arbitrariedade se não for contrabalanceada pela responsabilidade” (FRANKL, 2018).

O Homem constitui-se no mundo, revelando-se através da construção da essência pela existência, tanto na visão de Sartre, Heidegger ou de Frankl, pois apesar da divergência sobre questões relativas à espiritualidade, já que Frankl crê numa dimensão noética, eles concordam que o homem é o responsável por constituir-se em sua subjetividade, possui liberdade para tal, já que Sartre não acredita na influência de Deus sobre nossas escolhas, ou até mesmo que este exista. Frankl acreditava que o “verdadeiro sentido da vida deve ser descoberto no mundo, e não dentro da pessoa humana ou da sua psique, como se fosse um sistema fechado” (FRANKL, 2018, p.135), ao que ele chama essa característica constitutiva de “a autotranscendência da existência humana”, levando em consideração o poder que humanos possuem de dedicarem suas existências para além de si próprias, servindo à causas ou pessoas. Assim sendo, pode-se afirmar que o engajamento e o poder de ação serão sempre decisivos aos propósitos e aos sentidos que a estes aferimos, moldando a si e ao mundo conforme a responsabilidade intrínseca à sua liberdade, e que a responsabilidade é a essência íntima da nossa existência.

## **2.2 A VONTADE DE SENTIDO**

O vazio existencial nasce da inconsciência de valores humanos e de um claro propósito de vida postos em prática na vida diária. Quando temos hábitos e atividades que não carregam valores e um propósito rico de sentido, pode-se levar vidas de modo engessado, automático, ou influenciando-se de modo conformista ou agindo sob viés autoritário. No entanto, Viktor Frankl (2015) coloca que o homem possui uma necessidade maior, e a chama de Vontade de Sentido, que é uma ânsia de encontrar e realizar o sentido de sua vida, “O homem procura sempre um significado para sua vida. Ele está sempre se movendo em busca de um sentido de seu viver; em outras palavras, devemos considerar aquilo que chamo a Vontade de sentido como um interesse primário do homem, para citar o comentário que Abraham Maslow fez sobre um de meus trabalhos” (FRANKL, 2005, p.29).

Quando se vive inconsciente da Vontade de Sentido e estando em uma crise de valores onde quase nada importa, o homem encontra-se duplamente carente de sua dimensão existencial. Diante desse panorama onde o homem geralmente encontra-se inconsciente de si próprio, onde vivem-se tempos de carência infantil generalizada, sempre à espera de que alguém o salve, supra e proteja, permanece-se passivo e vitimizado, onde leva-se vidas ao acaso, sem propósito, sem sentido, sem que se viva por valores universais como generosidade,

respeito, justiça, cortesia e beleza. Assim sendo abre-se caminho ao surgimento da tríade que decorre do vazio existencial subjacente, a depressão, violência e ansiedade/toxicodependência, “Temos a oportunidade de recuperar o sen-ti-do, À época do bem-estar social, a maioria das pessoas tinha o suficiente para viver. Mas muitas não sabiam para que viver. Doravante pode muito bem acontecer uma transposição de ênfase nos meios de vida para um objetivo de vida, para o sentido da vida. E ao contrário das fontes de energia, o sentido é inesgotável e onipresente” (FRANKL, 2015, p. 29).

Vivemos numa Era onde possuímos muitas possibilidades de satisfação imediata, típica de um modo de viver que vem cada vez mais exigindo respostas rápidas, incipientes, satisfatórias ao modo de produção estabelecido nas últimas décadas, onde aparentes necessidades são geradas e postas como sendo necessidades absolutas, de massa, fundadas sobretudo no que se pode comprar, ou pagar, mas torna-se necessária a discussão acerca dessas virtuais necessidades, se estas são de fato reais ou produzidas com o intuito de gerar renda e alimentar expectativas comerciais e financeiras, decorrendo em frustração existencial, “Em nossos dias um número cada vez maior de indivíduos dispõem de recursos para sobreviver, mas não de um sentido pelo qual viver” (FRANKL, 2005). Percebe-se como necessário que o homem contemporâneo busque encontrar-se verdadeiramente com sua “Vontade de sentido”, com as reais aspirações do seu Ser, com o que de genuíno possa ser reconhecido em si em sua história de vida, assim sendo, “O sentido não só deve, mas pode ser encontrado, e a consciência conduz o homem em sua busca. Em síntese, a consciência é um órgão do sentido. Podemos defini-la então, como a capacidade intuitiva de descobrir o rastro do sentido – único e singular – escondido em cada ação” (FRANKL, 2015, p. 25).

Esse novo olhar, que dá ênfase ao que segundo a Logoterapia, é uma necessidade humana, latente e urgente à uma vida mais autêntica e consciente de si, pois possibilita ao homem o reconhecimento do seu sentido de vida através da sua própria história e dos propósitos que dela emergem, e de como realizá-los.

A psicanálise nos deu a conhecer a vontade de prazer, a partir da qual podemos conceber o princípio do prazer, a psicologia individual nos tornou familiarizados com a vontade de poder, sob a forma da tendência a fazer-se valer. Mas no homem enraíza-se mais profundamente aquilo que designei como a Vontade de Sentido: o esforço pelo melhor cumprimento possível do sentido de sua existência. (FRANKL, 2015, p.65).

A Vontade de Sentido está diretamente ligada à autorrealização, diferentemente da satisfação imediata, que satisfaz-se de acordo com as supostas necessidades de momento, como roupas, bens, sexo, comida, festas, drogas ou qualquer coisa que possa dar ao homem prazer e

que o faça sentir-se bem, realizado, ainda que por um curto espaço de tempo e sem muita reflexão acerca das suas reais possibilidades e de seu sentido, “entendemos como realização de si através de um sentido e como desespero, o desespero devido à falta aparente de sentido para a própria vida” (FRANKL, 2005). A autorrealização exige do homem um processo mais profundo, de maior engajamento frente às suas reais necessidades, de conhecimento de si próprio e por consequência do sentido de suas ações e de sua própria existência, “no que diz respeito ao tão propalado tema da autorrealização, ousou afirmar que o homem só é capaz de realizar-se à medida que cumpre um sentido” (FRANKL, 2015, p. 66). Esse tema está relacionado de modo direto às consequências geradas quando não se encontra sua vontade de sentido, ou seja, quando não se tem consciência do seu propósito autêntico, do porquê de movimentar-se e acordar-se todas as manhãs para jogar-se ao mundo, já que nossa época possui desafios próprios e cada vez mais confusos diante de tantas informações, cobranças e expectativas postas frente às vidas de todos, sobretudo dos jovens, “nossa época é a da frustração existencial. E em particular entre os jovens, cuja vontade de sentido encontra-se frustrada” (FRANKL, 2015).

Sendo a Vontade de Sentido uma necessidade humana, ou seja, uma condição existencial, algo que o diferencia de todos os outros animais do planeta, a medida em que o homem não só possui a consciência de sua existência, mas precisa a esta atribuir valores, atribuir um sentido que justifique os propósitos de vida, e o permita lidar com o que Frankl chamou de a Tríade trágica, que são as fontes de angústia ao homem e que o fazem refletir sobre a vontade de sentido, que são a morte, o sofrimento e a culpa, “é justamente a preocupação com o sentido de sua existência aquilo que distingue o homem enquanto tal – é impossível imaginar um só tipo de animal afetado por semelhante inquietação” (FRANKL, 2015, p.72).

Apesar da importância que Frankl atribui às tradições e aos instintos, que nos dizem como e o que fazer, é preciso que se reafirme que cabe a cada um de nós encontrar sua própria Vontade de Sentido, sendo esta única, singular e manifestada em cada momento ou situação, “eles devem ser procurados e encontrados por conta própria de cada um. Tal descoberta de significados únicos, assim como agora os entendemos, será possível mesmo que todos assim como agora os entendemos, será possível mesmo que todos os valores universais desaparecessem completamente. Em duas palavras: os valores estão mortos – vivam os sentidos” (FRANKL, 2015, p.40), ou seja, os sentidos das coisas não são dependentes de tradições que constituem respectivos valores, pois somos capazes de nos engajar e construirmos novas perspectivas a todo instante, e a estas atribuímos novos sentidos, através do engajamento

e da tomada de consciência sobre o papel singular de cada um frente a construção de sua própria subjetividade, e do mundo que segue construindo-se a todo instante.

É possível ao ser humano despertar para o que de fato anseia sua Vontade de Sentido e através desta atribuir valores e significados à sua existência e as suas relações na vida, “o homem não só – em virtude de uma vontade de sentido – procura um sentido, senão que igualmente o encontra, por três caminhos. Em primeiro lugar, vê um sentido no que faz ou cria. A par disso, descobre um sentido nas experiências que vive ou em amar alguém. Mas também, descobre eventualmente, um sentido em uma situação desesperadora com a qual, desamparado, se defronta” (FRANKL, 2015, p.27). Ou seja, é preciso que reconheçamos que mesmo quando estejamos diante de muita dor, sofrimento ou falta de perspectiva, que ainda assim é possível reconhecer um sentido ao sofrimento e à angústia que se sucede,

Quando um homem descobre que seu destino lhe reservou um sofrimento, tem que ver nesse sofrimento também uma tarefa sua, única e original. Mesmo diante do sofrimento, a pessoa precisa conquistar a consciência de que ela é única e exclusiva em todo cosmo dentro deste destino sofrido. Ninguém pode assumir dela o destino, e ninguém pode substituir a pessoa no sofrimento. (FRANKL, 2018, p.102).

Todavia, não parece estar sendo um processo fácil aos humanos reconhecerem tal Vontade de Sentido, o que pode desencadear num processo de frustração existencial, assim criando ou percebendo-se o vazio existencial subjacente às inquietações acerca da autenticidade dos próprios anseios íntimos, bem como suas perspectivas frente à vida, fomentando a busca de sentido à sua existência.

### **2.3 VAZIO EXISTENCIAL E A NEUROSE NOOGÊNICA**

Sabe-se que o sentido das coisas, das pessoas em nós, ou da própria vida, é exclusivo e específico para cada indivíduo, uma vez que pode ser cumprido somente por aquela determinada pessoa, visto que:

Em última análise, viver não significa outra coisa senão arcar com a responsabilidade de responder adequadamente às perguntas da vida, pelo cumprimento das tarefas colocadas pela vida a cada indivíduo, pelo cumprimento da exigência do momento. Essa exigência, e com ela o sentido da existência, altera-se de pessoa para pessoa e de um momento para o outro. (FRANKL, 2018, p.102).

Nessa perspectiva, o sentido assume relevância capaz de satisfazer a própria “Vontade de Sentido”, que é o que há de mais genuíno em nós, diz respeito à uma necessidade existencial, algo que nos move, nos direciona, e que pode ter o poder de nos orientar frente ao que sentimos ser um projeto singular de existência, sendo o futuro a perspectiva que nos faz avançar, seguir adiante. O autor demonstra algumas pesquisas que apontam a necessidade das pessoas de

encontrar um propósito à suas vidas, de razões que as façam pensar sobre suas existências e escolhas na vida, bem como cita exemplos de como a frustração da vontade de sentido pode ser manifestada em diversas áreas de nossas vidas, “após algumas poucas entrevistas, ficou claro que sua vontade de sentido estava sendo frustrada por sua profissão e que ele na realidade ansiava engajar-se em outra espécie de trabalho” (FRANKL, 2018, p. 127).

Viktor Frankl (2018), refere à frustração da vontade de sentido como sendo a responsável pelas neuroses noogênicas, que não surgem de conflitos entre impulsos e instintos, como sugere a psicanálise, mas sim de problemas existenciais, no que afirma ser essa a neurose de massa na contemporaneidade:

As neuroses noogênicas não surgem de conflitos entre impulsos e instintos, mas de problemas existenciais. Entre esses problemas, a frustração da vontade de sentido desempenha papel central, tendo origem não na dimensão psicológica, mas antes na dimensão noológica, (do termo grego noos, que significa mente) da existência humana” (FRANKL, 2018, p.126).

É salutar à obra de Frankl, a percepção e atenção especial para com as neuroses noogênicas, que:

ao contrário da neurose no seu sentido estrito, que constitui, per definitionem, uma afetação psicogênica, a neurose noogênica não se reporta a complexos e conflitos no sentido clássico, mas deriva de conflitos de consciência, de colisões de valores e, last but not least, de uma frustração existencial, a qual, uma vez ou outra, pode expressar-se e manifestar-se sob a forma de uma sintomatologia neurótica” (FRANKL, 2015, p.11).

É importante salientar que as neuroses noogênicas não devem ser tratadas como doença mental, pois a frustração existencial não é patológica ou patogênica, mas sim uma angústia existencial decorrente da preocupação ou mesmo do desespero da pessoa sobre se sua vida vale a pena ser vivida. Para melhor elucidar tal afirmação o autor cita Nietzsche: “Quem tem porque viver suporta quase qualquer coisa”, pois o autor observou ao longo de sua experiência em campos de concentração nazista, que as pessoas que sabiam possuir alguma tarefa ainda a ser desenvolvida, teria mais chances de sobreviver. O próprio Frankl relata ter usado como fator de resistência e perseverança diante das adversidades e dos horrores da prisão nazista, a sua vontade de escrever e passar adiante os ensinamentos daquele momento histórico e singular à humanidade, bem como a vontade de rever pessoas amadas, o que o fez focar em alvos futuros, usados como propulsores de vontade de seguir adiante e encarar o destino com coragem e consciência do seu papel frente à vida.

Sobre o vazio existencial na contemporaneidade, que acentuou-se muito no século XX devido sobretudo a duas razões apontadas por Frankl (2018), a perda dos instintos animais

básicos e a perda das tradições, pois estas serviam de molde ao seu comportamento. “Sem o instinto para lhe dizer o que fazer e as tradições para dizerem como fazer, é possível que o Homem não saiba o que deseja fazer” (FRANKL, 2018, p.131). Assim sendo, o autor destaca que pode ser adotado o que os outros desejam fazer, demonstrando “conformismo”, ou a fazer o que os outros querem que seja feito, que seria o “totalitarismo”. O existencialismo na visão de Sartre dialoga com essa perspectiva sobre “a perda das tradições”, pois segundo Sartre (1970, p.3), “o homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo”, sendo cada homem o seu próprio projeto de si mesmo, o que o responsabiliza a criar suas próprias perspectivas futuras. Já para Heidegger, a tradição “lhe subtrai a capacidade de se guiar por si mesmo, de perguntar e eleger” (HEIDEGGER, 1998, p.45), o que acaba por impedir o acesso à experiência originária. Frankl cita Schopenhauer para elucidar sobre o seu pensamento acerca da questão, de que “aparentemente, a humanidade estava fadada a oscilar eternamente entre os dois extremos de angústia e tédio”, algo que nos remete à frustração existencial, “O homem existencialmente frustrado não conhece nada com que possa preencher aquilo que denomino seu vazio existencial” (FRANKL, 2015, p.69). É destacado na literatura de Frankl, que há uma incidência assustadora de suicídios atribuídos ao vazio existencial, “sendo associados a esse fenômeno fatores como depressão, agressão e vício, que precisam ser reconhecidos a partir da perspectiva do vazio existencial subjacentes a eles” (FRANKL, 2018).

#### **2.4 A NEUROSE DE MASSA**

O Homem contemporâneo vive um ritmo como nunca antes experimentado, com muitas opções de escolha, cobranças, perspectivas, dúvidas e anseios acerca do seu papel nesse mundo cada vez mais competitivo, onde espera-se que haja resultados dentro de um tempo previsto, o que certamente incide em definir padrões de comportamentos e normas sociais que são fortemente influenciadas pelo modo capitalista vigente, ainda que para Frankl, o sentimento de um vazio interior, que ele descreve e classifica como “vazio existencial”, manifesta-se de forma global, “esta doença de hoje, a perda do sentido da vida, ultrapassa sem concessão e controle, particularmente entre os jovens, as fronteiras da ordem social capitalista e socialista” (FRANKL, 2015. p. 68).

De fato, percebe-se que há muitas possibilidades reais do Homem satisfazer-se na atualidade, mas de que modo essas são realmente necessidades de realização da subjetividade do indivíduo ou apenas reprodução de comportamentos e expectativas geradas no espectro social da ordem vigente? Viktor Frankl, refletiu sobre essa perspectiva e afirmou:

Consideremos a sociedade atual: ela gratifica e satisfaz virtualmente qualquer necessidade, com exceção de uma só, a necessidade de um sentido para a vida. Podemos dizer que certas necessidades são criadas artificialmente pela sociedade de hoje e, no entanto, a necessidade de um sentido permanece insatisfeita – exatamente no meio de nossa opulência e apesar dessa. (FRANKL, 2005, p. 22)

Assim, nos faz pensar sobre temas como a frustração existencial e o vazio existencial como sendo uma neurose de massa, e como que a procura do sentido é uma característica distintiva do ser humano. O que faz com que esta seja uma questão que vai além das perspectivas de cada um isoladamente, mas sim como um fenômeno social, melhor, um sintoma social reverberado em números aparentemente cada vez maior de pessoas, das mais distintas classes sociais, culturas, etnias ou religião. Parece haver uma busca social na contemporaneidade por razões que realmente façam sentido à existência, apesar de o “sentido” ser subjetivo, onde cada um precisa encontrar o seu, não havendo receita milagrosa ou atalho que não seja o engajamento no reconhecimento e valorização de sua própria história, da consciência acerca do sentido dos seus próprios desejos e do dever para com a vida, que espera de nós coragem por buscar vidas autênticas e genuínas:

no que diz respeito ao tão prolapado tema da autorrealização, ousou afirmar que o homem só é capaz de realizar-se à medida que cumpre um sentido. O imperativo de Píndaro, segundo o qual o homem deve tornar-se quem ele é, requer um complemento, que encontro nas palavras de Jaspers: O que o homem o é, o é através da coisa que faz sua.” (FRANKL, 2015, p.66).

Em muitas de suas obras, nos fala sobre os sintomas do vazio existencial, ao qual ele coloca como sendo a “tríade da neurose de massa”, que seriam depressão, agressão e a toxicodependência. Esses sintomas seriam a expressão do “sentimento de ausência de objetivos da existência” (FRANKL, 2005, p).

É pertinente que seja feito paralelo entre o vazio existencial e os casos de suicídio que vem sendo recorrentes atualmente nas mais variadas sociedades, “em alguns casos a frustração do desejo de sentido teve um papel relevante como fator etiológico no dar origem à neurose ou à tentativa de suicídio” (FRANKL, 2005. p. 32). Segundo matéria do portal de notícias G1 de 20/04/2018, o Brasil registrou 11.433 mortes por suicídio em 2016, em média, um caso a cada 46 minutos. O número apresenta um crescimento de 2,3% em relação ao ano anterior, quando 11.178 tiraram a própria vida. Diante de estatísticas semelhantes sobre suicídio relatadas no livro *Um Sentido para a Vida*, que fazem correlação com o vazio existencial, Frankl concluiu que “o desejo de sentido é realmente uma necessidade específica não reduzível a outras necessidades e está presente em medida maior ou menor em todos os seres humanos” (FRANKL, 2005, p. 32). Assim sendo, Frankl argumenta que:

A necessidade de sentido não pode ser reduzida às demais necessidades, nem delas extraída. O desejo de sentido é, não só uma genuína manifestação da humanidade do homem, mas também – como foi provado por Theodor Kotchen – um plausível indício de saúde mental. (FRANKL, 2005. p. 35).

Desse modo, contrapõe-se a teoria de Maslow e sua pirâmide das necessidades humanas e da autorrealização, pois,

a distinção de Maslow entre necessidades mais elevadas e mais baixas não explica o fato de que, quando as mais baixas não são satisfeitas, uma necessidade mais elevada, o desejo de sentido, pode transformar-se na mais urgente de todas. (FRANKL, 2005. p.34).

Para pensarmos nas angústias e sofrimento do Homem contemporâneo com relação à sua existência e ao vazio existencial de uma vida onde não se percebe ou identifica o sentido, a razão pela qual o Ser humano move-se, segue adiante apesar das constantes adversidades que a vida impõe, ou até mesmo em situações extremas, onde o sofrimento, a dor e a eminente perda da dignidade humana, como em casos de guerra, tortura, ou como na experiência vivida por Frankl nos campos de concentração por exemplo, ainda assim é possível pensar numa perspectiva que transcende o próprio eu:

Os prisioneiros que pensavam que havia alguém ou alguma coisa que os esperava, eram os que tinham maior probabilidade de sobreviver. A mensagem ou significado que captamos aí é que a sobrevivência dependia da capacidade de orientar a própria vida em direção a um para que coisa ou um para quem. (FRANKL, 2005, p. 36).

Pensamento semelhante acerca da transcendência do ego também pode ser visto em Sartre:

O Eu transcendental é a morte da consciência. Com efeito, a existência da consciência é um absoluto porque a consciência é consciente de si mesma. Ou seja, o tipo de existência da consciência é de ser consciente de si. E ela toma consciência de si enquanto é consciente de um objeto transcendente (SARTRE, 2015, p. 23).

Em suma, a neurose de massa dos nossos dias transforma-se num chamado à reflexão acerca da necessidade urgente das pessoas refletirem sobre a responsabilidade que possuem frente à própria vida e para com o processo que as levem à conscientização acerca da Vontade de sentido de cada um, para que a partir daí seja possível reconhecer a frustração que decorreu em vazio existencial, buscando identificar propósitos de vida, mais sólidos e alicerçados em suas reais aspirações existenciais, de modo a projetar-se no futuro de modo autêntico e consciente de si.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Entende-se que o sentido é único para cada um, que é preciso que se encontre o seu, assim sendo, não parece ser viável que o sentido seja separado do contexto, da temporalidade, nem tão pouco que estes sejam imutáveis, muito pelo contrário, segundo a visão de Frankl o processo é fluído, podendo alterar-se de acordo com as experiências vividas a todo o instante e em como estas reverberam em nós, como as percebemos e lidamos com elas, sendo também necessário compreender que até mesmo o sofrimento também tem sentido, como dito por Shakespeare “Eu aprendi que não posso escolher como me sinto, mas posso escolher o que fazer a respeito”. Em suma, torna-se necessário diante dessa perspectiva, reconhecer o sentido do sofrimento às experiências, sobretudo quando estas nos fazem mudar para melhor, “foi só muito mais tarde que eu compreendi verdadeiramente o sentido do sofrimento. Ele só tem sentido quando quem sofre muda para melhor” (FRANKL, 2005. p.42).

Para que pensemos nas possibilidades humanas frente às problemáticas elucidadas, Frankl nos traz o conceito do “Homo Patiens”, como sendo esse Ser resiliente, capaz de identificar suas próprias angústias e frustrações, buscando reconhecer-se e aceitar-se de modo verdadeiro, reconhecendo-se como capaz de vivenciar múltiplos contextos, atravessando perspectivas antagônicas e diferenciando do Homem Sapiens, que é o homem inteligente, que sabe obter sucesso, ficar rico, fazer bons negócios, oscilando entre os polos de sucesso e fracasso como sendo positivo ou negativo respectivamente, enquanto que o “Homo Patiens é aquele que sofre, que sabe como sofrer, como transformar seus sofrimentos em uma conquista humana” (FRANKL, 2005, p. 44).

É pertinente pensarmos nas possibilidades terapêuticas propostas por Frankl para se discutir questões relativas ao vazio existencial e à alta incidência de casos depressão e suicídios, mas sempre considerando a importância do engajamento de cada um frente às suas inquietações existenciais, e que cabe a cada pessoa reconhecer a angústia frente à responsabilidade imposta pela liberdade, para que busque agir e construir valores construtivos, para além do ego, através da identificação do propósito de vida, que tem como cerne o servir, e que nos leva à transcendência, agindo assim de modo a constituir-se autenticamente, a reconhecer-se, sempre atento à sua vontade de sentido e munindo-se contra a frustração existencial e ao vazio que dela decorre, moldando a sociedade e o mundo através do seu exemplo e determinação em encontrar-se consigo, e atribuir sentido à sua existência. “O segredo da existência não consiste somente em viver, mas em saber para que se vive” (DOSTOIÉVSKI, 1970).

## THE WILL OF SENSE AS AN EXISTENTIAL CONDITION

### ABSTRACT

The present article objective to enlarge the reflections about the Will of Sense, in the perspective of the Logotherapy, paying attention to the contemporary existential emptiness and identifying significant factors as to the singular position and the responsibility of the subject in front of life, it is the question of a narrative revision that makes use of the hermenêutica of on the dimension of the sense for the man, in the existential perspective of Viktor Frankl, with contributions of the theoreticians of the fenomenologia-existential one, Sartre and Heidegger. It has since finality promotes discussions about the sense search in the contemporaneousness, the frustration and the existential emptiness, just as on the sense that is orientating each existence, pointing out the importance of a perspective psicoterapêutica centered in the sense.

**Keywords:** Existentialism; Phenomenology; Sense of life; Logotherapy

### REFERÊNCIAS

BIRMAN, Joel. **O Sujeito na Contemporaneidade**. Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira. 2012.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Os irmãos Karamazov**. Tradução de Paulo Bezerra, 1970.

FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. 44. Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.

FRANKL, Viktor. E. **O sofrimento de uma vida sem sentido**. 1. Ed. São Paulo: É Realizações, 2015.

FRANKL, Viktor. E. **O que não está escrito nos meus livros – Memórias**. 1. Ed. São Paulo: É Realizações, 2010.

FRANKL, Viktor. E. **Um Sentido para a vida: Psicoterapia e Humanismo**. 24. Ed. Aparecida-SP: Ideias e Letras, 2005.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. 2. Ed. Trad. Jorge Eduardo Rivera. Santiago do Chile: Editorial Universitária, 1998.

MOREIRA, Braitner. **Suicídios aumentam 2,3% em 1 ano, e Brasil tem 1 caso a cada 46 minutos**. G1, Brasília, 20 de set. de 2018. Disponível em: < <https://g1.globo.com/bemestar/noticia/2018/09/20/suicidios-aumentam-23-em-1-ano-e-brasil-tem-1-caso-a-cada-46-minutos.ghtml> >. Acesso em: 30 de maio. de 2019.

SARTRE, Jean Paul. **A Transcendência do Ego**. Petrópolis, RJ: ED. Vozes, 2015.

SARTRE, Jean Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Paris: ED. Nagel, 1970.